

# O FUTEBOL PORTUENSE DURANTE A PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL

RICARDO PEREIRA\*

## INTRODUÇÃO

O nosso estudo analisa o futebol, na cidade do Porto, durante a Primeira Guerra Mundial. O quadriénio da Grande Guerra causou imensas alterações no mundo, desde o quotidiano das populações às complexas relações internacionais. Segundo Martin Gilbert, a Primeira Guerra Mundial saldou-se por mais de nove milhões de mortos, o que representou uma mortalidade sem paralelo à época: «Na Primeira Guerra Mundial morreram mais de nove milhões de soldados de Infantaria, Marinha e Força Aérea. Calcula-se que morreram também cinco milhões de civis em consequência da ocupação, de bombardeamentos, fome e doenças»<sup>1</sup>. Portanto, foi neste contexto de destruição, mudança e dificuldades que o futebol jogou a sua sobrevivência.

Na primeira abordagem ao tema, o estudo foca a atenção nas vésperas da guerra, de modo a perceber ou identificar o nível do futebol portuense nos seus diversos planos – democratização, associativismo, contactos regionais e internacionais. Apesar do primeiro encontro de futebol e de alguns clubes, no Porto, despoletarem no final da Monarquia, a democratização foi concomitante à instauração de um regime político – a República Portuguesa. A proliferação de clubes, nos primeiros anos da República, e a sua extensão geográfica demonstram a difusão da modalidade pelos diversos locais da cidade. A Associação de Futebol do Porto fundou o campeonato regional homónimo mas não uniformizou as competições na cidade, pois exemplos como a Taça José Monteiro da Costa (primeira competição no Porto), Taça Honorato Santos e Taça da Imprensa Sportiva disputaram-se em simultâneo com as provas oficiais da AF Porto. Todavia, o futebol portuense não se limitou a encontros endógenos mas também teve abertura para as formações exógenas, de âmbito nacional e internacional.

---

\* Faculdade de Letras da Universidade do Porto | Ricardo4clh2@gmail.com

<sup>1</sup> GILBERT, Martin – *A Primeira Guerra Mundial*. Lisboa: Esfera dos Livros, 2007, p. 11.

No segundo ponto, o objetivo central é perceber o impacto da guerra nesta modalidade desportiva. Este conflito sangrou o futebol portuense através do recrutamento de jogadores filiados aos clubes (exemplo do Académico Futebol Clube, Boavista Futebol Clube e Futebol Clube do Porto), alguns dos quais encontraram a morte nos campos de batalha. Deste modo, a homenagem aos futebolistas vítimas da guerra revelou-se uma das prioridades do futebol. Por outro lado, a realização de encontros de beneficência para apoiar os feridos, a união dos veteranos e jogadores ativos nesta causa desportiva e a participação massiva da população evidenciaram a função aglutinadora da modalidade e, conseqüentemente, a sua importância no quotidiano da cidade. Por oposição, o futebol foi introduzido nas atividades das Forças Armadas e serviu como modelo de preparação dos cidadãos para os conflitos bélicos. A dualidade entre a confraternização e militarização da modalidade constituiu um leque diversificado de aplicações para o futebol e incrementou o seu papel. Portanto, os imensos obstáculos e conseqüências causados pela guerra obrigaram-no a adotar uma estratégia defensiva mas a crise abriu novas oportunidades de evolução.

A obra *A Busca da Excitação*<sup>2</sup>, da autoria de Eric Dunning e Norbert Elias, afirma que o jogo de futebol é uma «configuração dinâmica», tal como uma cidade, igreja ou Estado:

*Se observarmos as movimentações dos jogadores no campo em permanente interdependência, podemos vê-los na realidade a formar constantemente uma configuração dinâmica [...] as pessoas formam configurações entre si – uma cidade, uma igreja, um partido político, um Estado*<sup>3</sup>.

Assim, no terceiro ponto abordamos o impacto do futebol na sociedade portuense como um fenómeno dinâmico. O jogo de futebol concomitante com uma «fuga» à realidade, a filiação dos adeptos aos clubes constituindo as primeiras claques, a solidariedade, a confraternização entre gerações diferentes e a participação de desportistas na Grande Guerra constituíram a integração da modalidade no universo íntimo da cidade.

## O FUTEBOL PORTUENSE NAS VÉSPERAS DA PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL

No século XIX, surgiu uma nova mentalidade conectada ao desporto que acreditou no desenvolvimento das capacidades intelectuais e físicas, com um rigoroso código moral e dotada de uma nova crença – «mente sã, em corpo são». Segundo

<sup>2</sup> DUNNING, Eric; ELIAS, Norbert – *A Busca da Excitação*. Lisboa: Difusão Editorial, 1992.

<sup>3</sup> *Idem, ibidem*, p. 290.

Ricardo Serrado, o desporto foi bastante valorizado como método de transformação da sociedade: «O desporto começa então a ser cada vez mais valorizado nesta transformação da educação, visando a criação de uma elite com capacidade física e intelectual, subjugada com um rigoroso código moral e uma crença inabalável na acção e responsabilidade colectiva»<sup>4</sup>.

Neste contexto, nasceu o futebol moderno codificado e disciplinado pelas associações da modalidade. Nas *public schools* iniciou-se o processo de instauração do futebol moderno junto dos jovens e surgiram as primeiras leis da modalidade<sup>5</sup>. Por outro lado, a expansão do futebol pelo globo dependeu da sua simbiose com a potência hegemónica do século XIX, o Reino Unido. Segundo René Remond, a Europa, mas especialmente a Grã-Bretanha, criou uma «teia de aranha» com ramificações em todo o mundo, onde exportou o seu modelo político, económico e cultural durante um período a que alguns historiadores denominaram de *Pax Britânica*. O seguinte excerto corrobora estas afirmações<sup>6</sup>.

Portanto, uma dessas «teias de aranha» que os britânicos estenderam pelo mundo situou-se em Portugal. O futebol foi introduzido no país, durante o último quartel do século XIX, pelos ingleses. Desde a sua instauração, o desporto moderno foi visto como um método para rejuvenescer ou revigorar a raça portuguesa, de modo a ostracizar os «fantasmas» do pensamento decadentista, contemporâneo à época. Nas palavras de Ricardo Serrado: «Começava a circular a ideia em Portugal (...) que o desporto deveria servir a raça, tornando-a mais forte, revigorando-a»<sup>7</sup>. Todavia, o advento do desporto moderno manteve-se limitado, essencialmente, às duas grandes cidades do país – Porto e Lisboa. De seguida, o foco de análise incidirá na cidade do Porto.

Em 1894, realizou-se o primeiro encontro de futebol, no Porto, durante as Comemorações do V Centenário do Nascimento do Infante D. Henrique. Este momento foi charneira para a evolução da modalidade, sendo que no período final da Monarquia a cidade possuía algumas formações futebolísticas, como o Boavista Futebol Clube (1903), o Futebol Clube do Porto (1906) e o Leixões Sport Club (1908). No entanto, a democratização do futebol portuense somente eclodiu na fase republicana.

Na obra *História do Futebol Português*, Pedro Serra e Ricardo Serrado afirmam que a popularização do futebol foi concomitante da mudança política ocorrida em Portugal, com a Revolução de 1910<sup>8</sup>.

<sup>4</sup> SERRA, Pedro; SERRADO, Ricardo (coord.) – *História do Futebol Português. Das origens ao 25 de Abril. Uma análise social e cultural*. Lisboa: Prime Books, Vol. I, 2010, p. 27.

<sup>5</sup> *Idem, ibidem*, p. 27.

<sup>6</sup> RÉMOND, René – *Introdução à História do Nosso Tempo. Do Antigo Regime aos Nossos Dias*. Lisboa: Gradiva, 2011, p. 273.

<sup>7</sup> SERRA, Pedro; SERRADO, Ricardo (coord.) – *História do Futebol Português*. Vol. I, p. 38.

<sup>8</sup> *Idem, ibidem*.

Portanto, os clubes proliferaram por toda a cidade, desde a Foz a Campanhã. Na fase republicana, nasceram clubes como o Salgueiros, o Académico Futebol Clube, o Progresso Sport Club, o Infesta Futebol Clube, o União Sport Club, o Internacional Futebol Club e o Sport Club e Comércio. No plano da democratização, o decreto republicano que instaurou o Domingo como dia de descanso semanal obrigatório possibilitou a participação e assistência dos proletários nos jogos de futebol, por isso contribuiu para o alargamento da base social da modalidade, como destacam João Nuno Coelho e Francisco Pinheiro:

O decreto de 10 de Janeiro de 1911, que determinou como dia de descanso semanal obrigatório para todos os assalariados, também foi peça chave na expansão do futebol, permitindo à generalidade das classes operárias dedicarem-se à prática da nova modalidade ou assistirem aos jogos<sup>9</sup>.

Todavia, a democratização do futebol portuense não se limitou apenas aos proletários mas também aos comerciantes através da criação dos clubes de futebol. Posteriormente, as escolas aderiram à nova modalidade e organizaram encontros, como demonstra a notícia: «Às nove horas e meia da manhã, match entre o 1º team da Escola Académica e o 1º do Sport Club Raúl Dória»<sup>10</sup>. Outra notícia do mesmo periódico evidencia a prática do futebol pelas escolas: «Às duas horas e meia da tarde, match entre o 2º team do Foot-Ball Club do Porto e o 1º team do Lyceu Rodrigues de Freitas»<sup>11</sup>. Por conseguinte, também as Forças Armadas incorporaram o futebol nas suas atividades, impulsionado por Eduardo Serra.

A popularização do futebol e a efervescência da sua vivência pelos adeptos, desde cedo demonstrou as lacunas de organização dos encontros, como relata esta notícia do jornal *O Comércio do Porto*<sup>12</sup>:

Não se realizou no domingo passado, como estava anunciado, o match de foot-ball entre o 1º e os 2º teams dos alumnos da Escola Elementar de Commercio, devido a diferentes pessoas que assistiram ao mesmo match se intrometterem no jogo. Por este motivo ficou adiado o mesmo match (...) <sup>13</sup>.

A notícia corrobora a exaltação, paixão e exacerbamento que o futebol provocava nas vésperas da Grande Guerra. A filiação de adeptos a determinados clubes foi contemporânea deste período como evidenciam Pedro Serra e Ricardo Serrado: «No

<sup>9</sup> COELHO, João Nuno; PINHEIRO, Francisco (coord.) – *A Paixão do Povo. História do Futebol em Portugal*. Porto: Afrontamento, 2002, p. 29.

<sup>10</sup> *O Comércio do Porto*. Porto, n.º 47, 25 de Fevereiro de 1911.

<sup>11</sup> *O Comércio do Porto*. Porto, n.º 48, 26 de Fevereiro de 1911.

<sup>12</sup> *O Comércio do Porto*. Porto, n.º 53, 5 de Março de 1911.

<sup>13</sup> *O Comércio do Porto*, Porto, n.º 72, 28 de Março de 1911.

Porto, tal como na capital, passa-se o mesmo. Começa-se espontaneamente a torcer pelo FC Porto contra os ingleses do Oporto Cricket. São estes grupos de adeptos as primeiras ‘claques’ em Portugal (...)»<sup>14</sup>.

No plano associativo, o futebol portuense despoletou, de modo natural ou espontâneo até à criação da Associação de Futebol do Porto, em 1912. A primeira competição, na cidade, foi criada por iniciativa privada (Futebol Clube do Porto) e recebeu a denominação de «Taça José Monteiro da Costa», em honra do fundador do clube. A competição foi disputada pelos principais clubes portuenses da época. Estes encontros de futebol contribuíram para filiar a população, possibilitaram a evolução do nível técnico, tático e físico dos jogadores e, progressivamente, conferiram maior visibilidade com o aparecimento de notícias regulares. Após a fundação da AF Porto, a organização do campeonato regional tornou-se a prioridade para os dirigentes portuenses. Assim, em 1914, o primeiro clube a conquistar o ambicionado título foi o Boavista Futebol Clube. No entanto, a hegemonia dos campeonatos regionais, no Porto, pertenceria ao FC Porto, que, ao longo das 37 edições da prova, conquistou 33 títulos<sup>15</sup>.

Outra das etapas decisivas para a evolução do futebol portuense foi a disputa de jogos nacionais e internacionais. Nestes encontros, os clubes do Porto puderam aprender e testar as suas capacidades contra formações mais evoluídas oriundas da capital ou do estrangeiro. As formações lisboetas foram superiores nos desafios contra as congéneres portuenses durante os primeiros anos da República Portuguesa. A primeira equipa da capital a visitar o Porto foi o SL Benfica, em 1912. As deslocações de equipas, mesmo no plano nacional, acarretavam custos elevados, por isso estes encontros resultavam de convites da formação residente, maioritariamente.

Por outro lado, as visitas de clubes estrangeiros ao Porto foram desafios muito divulgados na época e geradores de entusiasmo na população, sendo comuns as recepções efusivas na estação de S. Bento. Assim, o espaço geográfico as formações internacionais que visitavam o Porto provenientes de Espanha e de França, devido aos enormes custos que estas deslocações impunham aos clubes. Na visita de uma formação espanhola ao recinto do FC Porto, o ambiente relatado pela notícia do *Comércio do Porto* era de cordialidade e amabilidade, o que comprova o carácter amador dos desafios: «Os jogadores francezes, que tiveram ocasião de conhecer de perto o nosso paiz e vão muito bem impressionados e gratos pelo acolhimento que tiveram (...)»<sup>16</sup>.

<sup>14</sup> SERRA, Pedro; SERRADO, Ricardo (coord.) – *História do Futebol Português*. Vol. I, p. 163.

<sup>15</sup> COELHO, João Nuno; PINHEIRO, Francisco (coord.) – *A Paixão do Povo. História do Futebol em Portugal*. Porto: Afrontamento, 2002, p. 143.

<sup>16</sup> *O Comércio do Porto*. Porto, n.º 82, 8 de Abril de 1911.

Com o eclodir da Primeira Guerra Mundial, o futebol portuense, que estava ao ataque na sociedade, teve de adotar uma estratégia defensiva, de modo a sobreviver e consolidar a sua presença na cidade.

## FUTEBOL E GUERRA

No início de Junho de 1914, poucos europeus imaginavam o deflagrar de um conflito mundial. Desde a derrota de Napoleão até à Grande Guerra, a Europa somente viveu conflitos localizados e que nunca envolveram todas as potências do «velho continente» – Alemanha, Áustria-Hungria, França, Reino Unido e Rússia<sup>17</sup>.

A política de alianças e a concomitante vontade imperialista e expansionista das lideranças europeias, no início do século XX, conduziu os povos do «velho mundo» para os campos lamacentos e entrincheirados da frente ocidental, assim como para os movimentos massivos de homens a Leste. As ilusões de uma guerra rápida e eficiente cedo se desvaneceram, por isso os países beligerantes enfrentaram um conflito lento mas dotado de tecnologia militar industrial que causou mortes em grande escala. Por conseguinte, a extensão temporal e espacial da guerra levou à adesão de novos participantes, provenientes da maioria do globo, ora na Entente, ora nas potências centrais.

No exemplo português, a Primeira Guerra Mundial foi fraturante para a sociedade, uma vez que surgiram partidários favoráveis ao conflito, neutrais e pacifistas ou internacionalistas. Todavia, a entrada de Portugal na Grande Guerra, em 1916, aumentou os efeitos nefastos no quotidiano das populações. A participação do contingente militar português na Flandres e nas colónias, a crise de subsistências e a inflação, as greves e a instabilidade político-económica provocaram a emergência de soluções autoritárias e radicais, como, por exemplo, o golpe de estado sidonista (1917).

Na fase final da guerra, a entrada dos Estados Unidos da América equilibrou a balança de poderes, uma vez que a saída da Rússia possibilitou à Alemanha redirecionar os seus exércitos para a frente ocidental. Deste modo, a presença norte-americana garantiu a vitória para a Entente, mas a hegemonia europeia perante o mundo saiu bastante abalada. As consequências da Primeira Guerra Mundial foram a queda de quatro impérios (Alemanha, Áustria-Hungria, Império Otomano e Rússia), a perda de gerações jovens, a dívida elevada face aos Estados Unidos da América, a inflação galopante e a reorganização do mapa na Europa de Leste. No entanto, nas cláusulas do Tratado de Versalhes residiam os germes da futura infeção militar, revisionista e totalitária que contaminaria o corpo fragilizado da Europa.

---

<sup>17</sup> HOBBSAWM, Eric – *A Era dos Extremos*. Lisboa: Editorial Presença, 2011, p. 32.

Durante a Grande Guerra, o futebol teve de assumir uma posição defensiva, pois o conflito mundial sangrou os seus efetivos (jogadores) nos campos de batalha. Em contrapartida, na conjuntura internacional, o desporto moderno foi elevado ao estatuto de modelo responsável pela regeneração dos povos, porque as teses decadentistas prevaleceram em alguns países europeus, como, por exemplo, França e Portugal. Diz-nos Pedro Serra:

A conjuntura bélica reforça a preocupação com a debilidade dos portugueses e a necessidade de promover a educação física, pelo menos para assegurar uma maior aptidão dos soldados para o combate, a exemplo do que se via fazer em França e Inglaterra<sup>18</sup>.

Assim, os jogadores de futebol foram visados no recrutamento para a Grande Guerra, uma vez que a sua condição física garantia alguma superioridade face ao cidadão comum. A prática de jogos de futebol na frente de batalha evidencia a importância e popularização desta modalidade junto dos combatentes, tal como confirma a participação de futebolistas na guerra<sup>19</sup>.

Na sua obra *A Paixão do Povo*, João Nuno Coelho e Francisco Pinheiro destacam um excerto do semanário *O Sport de Lisboa* sobre o impacto da guerra na vida das populações: «A guerra toma tudo: homens, dinheiro, energia, atenção e tempo. E quando de todo podemos fugir à sua influência, não podemos fugir às suas consequências»<sup>20</sup>.

## OS JOGADORES DOS CLUBES PORTUENSES NA FRENTE DE BATALHA

O futebol português teve os seus mártires na Primeira Guerra Mundial, sendo alguns de nacionalidade portuguesa e outros britânicos. Como destacam João Nuno Coelho e Francisco Pinheiro, a mobilização dos jovens jogadores para a guerra era geral: «A guerra mundial continuava a mobilizar milhares de jovens por toda a Europa – incluindo portugueses que tinham como principais destinos França e África. Os clubes ressentiam-se da mobilização dos seus jovens atletas»<sup>21</sup>.

No Porto, os clubes de futebol também perderam alguns dos seus desportistas para a Grande Guerra. A presença e influência dos britânicos na cidade eram antigas, por isso, os clubes portuenses integravam jogadores nas suas formações oriundos da Grã-Bretanha. No caso do Boavista Futebol Clube, dois dos seus melhores jogadores

<sup>18</sup> SERRA, Pedro; SERRADO, Ricardo (coord.) – *História do Futebol Português*. Vol. I, p. 114.

<sup>19</sup> *Idem, ibidem*, p. 115.

<sup>20</sup> João Nuno; PINHEIRO, Francisco (coord.) – *A Paixão do Povo. História do Futebol em Portugal*. Porto: Afrontamento, 2002, p. 150.

<sup>21</sup> COELHO, João Nuno; PINHEIRO, Francisco (coord.) – *A Paixão do Povo. História do Futebol em Portugal*. Porto: Afrontamento, 2002, p. 164.

partiram para as fileiras de combatentes da Primeira Guerra Mundial. Assim, Robert Reid e Reginald Pye abandonaram o seu clube e rumaram aos batalhões militares do Reino Unido em setembro de 1914<sup>22</sup>. Todavia, o futebol portuense não teve somente participantes na Grande Guerra mas também os seus mortos. No periódico *O Comércio do Porto*, uma notícia descreve a homenagem pública que o Boavista Futebol Clube prestou ao seu jogador: «Todos se comovem com a mágoa e saudade d'este excelente rapaz, magnífico foot-baller do «Oporto Cricket Club» e do «Boavista Foot-Ball Club». O seu grande coração (...) e a sua alma temperada nos move de nobre brio (...)»<sup>23</sup>.

O Futebol Clube do Porto também perdeu dois jogadores envolvidos na Primeira Guerra Mundial. Vidal Pinheiro e Zulmiro Raimundo sucumbiram no conflito e foram mais perdas para a modalidade<sup>24</sup>.

As perdas de futebolistas empobreceram o futebol na cidade, pois com a participação dos jogadores na frente de batalha, as formações declinaram de qualidade, como referem Pedro Serra e Ricardo Serrado: «A partida de muitos jogadores para o combate e a situação de crise existente por todo o país terão contribuído para a estagnação e perda de qualidade dos jogos realizados em Portugal (...)»<sup>25</sup>. Portanto, os desportistas portuenses que combateram na Primeira Guerra Mundial fizeram o «jogo da vida».

A conjuntura bélica provocou consequências significativas e traumatizantes no quotidiano das populações, assim como na evolução do futebol. No Porto, as querelas dos clubes com a Associação de Futebol (AF Porto) e desta última com a imprensa causaram a abertura de uma «nova frente de batalha desportiva». A disparidade de opiniões e os conflitos institucionais levaram mesmo à suspensão do FC Porto no campeonato regional, em 1918, vindo a competição a ser conquistada pelo Salgueiros. Outro dos clubes portuenses, o Boavista Futebol Clube, abandonou o campeonato regional de 1915-1916, devido à recusa da Associação de Futebol do Porto em adiar um dos jogos<sup>26</sup>. Uma notícia do periódico *O Comércio do Porto* revela que também o Académico Futebol Clube, um dos clubes importantes do futebol portuense, pensou desistir do campeonato regional organizado pela AF Porto: «Informam-nos hoje de que um dos mais importantes clubs de foot-ball do Porto, desistiu ou pensa em desistir dos actuaes campeonatos da A. F. P.»<sup>27</sup>. A criação de novas competições privadas, por exemplo, a Taça do Boavista Futebol Clube, revela os conflitos latentes entre os clubes e a instituição que geria o futebol na cidade. A Associação de Futebol do Porto

<sup>22</sup> SERRA, Pedro; SERRADO, Ricardo (coord.) – *História do Futebol Português*. Vol. I, p. 115.

<sup>23</sup> *O Comércio do Porto*. Porto, n.º 59, 11 de Março de 1917.

<sup>24</sup> SERRA, Pedro; SERRADO, Ricardo (coord.) – *História do Futebol Português*. Vol. I, p. 115.

<sup>25</sup> *Idem, ibidem*, p. 117-118.

<sup>26</sup> *Idem, ibidem*, p. 117.

<sup>27</sup> *O Comércio do Porto*. Porto, n.º 57, 10 de Março de 1918.

sofreu diversas críticas devido à permissão concedida a equipas para inscreverem jogadores que participavam, em simultâneo, nas diversas categorias. Por outro lado, a inscrição de formações sem recinto desportivo próprio ou com poucas condições de higiene era mais uma crítica apontada à associação<sup>28</sup>.

A imprensa portuense, nomeadamente o periódico *O Comércio do Porto*, queixava-se contra as lacunas de informação provenientes da Associação de Futebol do Porto. Uma notícia afirma: «Certamente que se devem realizar hoje outros desafios, além dos que acima anunciados e de cuja realização tivemos conhecimento por mera casualidade. (...) não se dignou mandar-nos a Associação de Foot-Ball do Porto, o calendário relativo ao mês de fevereiro (...)»<sup>29</sup>. Estas lacunas de informação indiciam a desorganização ou, no mínimo, as dificuldades sentidas pela instituição responsável do futebol. Na principal fonte hemerográfica do estudo, o número de notícias relativas ao futebol sofreu uma diminuição significativa no último ano de conflito. Em 1918, o jornal publicou apenas 51 notícias, menos de 40% das que publicara em 1915. Os periódicos constituíram uma das «frentes» de crítica às associações de futebol, nomeadamente em Lisboa e Porto<sup>30</sup>.

No plano das visitas de clubes internacionais, o período bélico provocou uma diminuição de contactos entre diferentes nações. No entanto, as deslocações de clubes espanhóis, em especial da Galiza, à cidade do Porto continuaram como comprova a seguinte notícia: «No próximo domingo veem jogar em desafio de foot-ball, com o 1º grupo do Foot-Ball Club do Porto, alguns jogadores do Real Vigo Sporting Club (...)»<sup>31</sup>. Contudo, os desafios de futebol entre formações portuenses e visitantes não se limitaram ao âmbito internacional mas também ocorreram frequentemente com formações de Lisboa. Após a criação da União Portuguesa de Futebol (1914), sendo um dos objetivos desta instituição o de criar um campeonato nacional, os desafios «Porto-Lisboa» colocaram clubes de ambas as cidades na disputa desta competição. A seguinte notícia evidencia um desses encontros: «Chegaram hontem effectivamente ao Porto, os jogadores da Associação de Futebol de Lisboa, que veio a esta cidade jogar no campo da Constituição, às três horas da tarde, um desafio de foot-ball para a disputa da Taça Porto-Lisboa»<sup>32</sup>.

Tal como aconteceu em outros países, também em Portugal o futebol foi considerado um modelo para a revigoração física e moral da população. Compreende-se, por isso, que a modalidade passasse a ser integrada, desde cedo, nas atividades físicas

<sup>28</sup> SERRA, Pedro; SERRADO, Ricardo (coord.) – *História do Futebol Português*. Vol. I, p. 118.

<sup>29</sup> *O Comércio do Porto*. Porto, n.º 28, 3 de Fevereiro de 1918.

<sup>30</sup> SERRA, Pedro; SERRADO, Ricardo (coord.) – *História do Futebol Português*. Vol. I, p. 118.

<sup>31</sup> *O Comércio do Porto*. Porto, n.º 4, 5 de Janeiro de 1917.

<sup>32</sup> *O Comércio do Porto*. Porto, n.º 73, 26 de Março de 1916.

das Forças Armadas. Um dos impulsionadores do futebol neste ramo militar português foi, como já referimos, Eduardo Serra, que promoveu a criação de competições futebolísticas exclusivas do exército e marinha, respetivamente a Taça Exército e a Taça Marinha. A presença do Presidente da República, Bernardino Machado, numa dessas competições, em Junho de 1916, corrobora a simbiose procurada entre os políticos republicanos, os militares e os promotores da modalidade<sup>33</sup>.

No Porto, esta conexão entre forças militares e a prática do futebol ocorreu durante o período da Grande Guerra «No campo de jogos da Serra do Pilar realizou-se um desafio de foot-ball entre o Grupo Sportivo da Sociedade de Instrução Militar Preparatória n.º 6 e o Grupo da Sociedade n.º 22»<sup>34</sup>.

## O FUTEBOL NA SOCIEDADE

Na obra *A Paixão do Povo*<sup>35</sup>, os autores afirmam que o futebol serviu como uma «espécie de fuga» à realidade social:

Em face da complexidade da vida diária, pejada de problemas familiares, profissionais e rotinas enfadonhas, o futebol, seus jogos, equipas e classificações, ofereceriam um universo mais simples e objectivo, para o qual os indivíduos se retirariam numa espécie de fuga à realidade quotidiana<sup>36</sup>.

Numa sociedade regulada e dominada pelos ritmos da máquina, o futebol seduziu as populações com o seu carácter alienador, esbateu as diferenças de classes e demonstrou a passagem do desporto com base aristocrática para uma atividade de massas, com forte adesão proletária, cultivou as emoções intensas e fomentou a concretização de esperanças: «(...) as vitórias desportivas são assumidas como pesosos, e funcionam como uma compensação para as frustrações da vida quotidiana dos indivíduos».

No Porto, o futebol miscigenou-se com a identidade da cidade, pois a matriz regional, com as suas exigências, especificidades e contradições face à capital, aglomerou a população nos jogos de futebol contra equipas lisboetas. Por conseguinte, a democratização do futebol alargou a base de praticantes e apoiantes da modalidade, como comprova a extensão dos clubes por diversos sítios da cidade. Alguns exemplos são o FC Porto (campo da Constituição, rua Antero de Quental), Boavista

---

<sup>33</sup> SERRA, Pedro; SERRADO, Ricardo (coord.) – *História do Futebol Português*. Vol. I, p. 116.

<sup>34</sup> *O Comércio do Porto*. Porto, n.º 184, 3 de Agosto de 1916.

<sup>35</sup> COELHO, João Nuno; PINHEIRO, Francisco (coord.) – *A Paixão do Povo. História do Futebol em Portugal*. Porto: Afrontamento, 2002.

<sup>36</sup> *Idem, ibidem*, p. 12-13.

Futebol Clube (Boavista), Sport Club Salgueiros (Paranhos), Sporting Clube do Porto (Bonfim), Arca d'Água (Foz) e Campanhã Sport Club (Campanhã) que revelam a expansão geográfica do futebol.

Por outro lado, o carácter simplista do futebol permitiu a sua prática sem custos elevados, pois era jogado nas ruas, praças e bairros como demonstra a afirmação: «Era um jogo que se jogava nas ruas, nas praças e nos bairros, sem qualquer tipo de método»<sup>37</sup>. Assim, a democratização do futebol, que foi concomitante com a instauração da República Portuguesa, elevou a modalidade às questões centrais da vida portuense, por isso, no eclodir da Grande Guerra, este tornou-se um símbolo de solidariedade social.

A Primeira Guerra Mundial provocou mais de nove milhões de mortos, além de outros milhões de feridos ou mutilados. Na cidade do Porto, houve vários indivíduos que integraram as fileiras de combatentes na Grande Guerra, entre os quais se destacaram os jogadores de futebol. Perante a morte, o futebol adquiriu um papel de solidariedade, com a concretização de homenagens aos futebolistas caídos nas frentes de batalha. Robert Reid e José das Neves Eugénio (jogador do Académico Futebol Clube) foram dois desses exemplos. Nesta conjuntura, a imprensa desenvolveu uma retórica, de modo a exaltar os feitos e factos heroicos dos desportistas que perderam o «jogo da vida».

Todavia, o futebol também apoiou ou ajudou as vítimas do conflito que sofreram lesões graves. Portanto, durante a Grande Guerra realizaram-se jogos de beneficência para ajudar os feridos oriundos do conflito, como, por exemplo, a Taça Mutilados de Guerra<sup>38</sup>. No Porto, a organização de jogos de beneficência com a receita a reverter para os feridos de guerra aglomerou veteranos e jogadores em atividade numa demonstração de solidariedade. Numa notícia do periódico *O Comércio do Porto* pode ler-se:

*O próximo desafio impõem-se, portanto, pelos seus fins duplamente simpáticos. Sendo altamente sportivo (...) tem também o lado nobremente generoso e altruísta de avolumar a já apreciável receita do primeiro 'match', que se destina às vítimas da guerra*<sup>39</sup>.

Outro dos exemplos de cooperação em prol dos feridos de guerra é a notícia: «Nós separamo-nos e eu fiquei pensando que o meu amigo veterano com todo o seu entusiasmo, vai no domingo trabalhar para o mesmo fim a que com tanto

<sup>37</sup> SERRA, Pedro; SERRADO, Ricardo (coord.) – *História do Futebol Português*. Vol. I, p. 126.

<sup>38</sup> *Idem, ibidem*, p. 115.

<sup>39</sup> *O Comércio do Porto*. Porto, n.º 115, 16 de Maio de 1917.

afansa dedicavam as lindas senhoras que acabaram de nos deixar: – Para os feridos da guerra»<sup>40</sup>.

Por outro lado, a organização de festas desportivas pelos clubes portuenses, possivelmente, possuía o intuito de aumentar a moral, a alienação e a abstração face às consequências da Primeira Guerra Mundial. Por exemplo, a festa desportiva organizada pelo Académico Futebol Clube revelou o espírito fraterno dos desportistas durante este período: «Foi uma boa festa de confraternização sportiva, o que ante-hontem se realisou no campo do Académico Futebol Clube»<sup>41</sup>.

Contudo, a imprensa portuense também participou no apoio e ajuda aos feridos de guerra através da organização de uma competição denominada «Taça da Imprensa Sportiva», noticiada pelo jornal *O Comércio do Porto*, «É amanhã que, no campo da rua da Constituição, se realiza a disputa d´esta «Taça», entre os primeiros grupos do Foot-Ball Club do Porto e do Académico Foot-Ball Club, revertendo o producto das entradas a favor dos feridos da guerra (...)»<sup>42</sup>.

Nos dois últimos anos do conflito mundial, surgiu no cenário peninsular uma nova «frente» de batalha, mas, desta vez, a ameaça era biológica. A propagação da gripe pneumónica causou milhares de mortes em Portugal. Novamente, o futebol teve um papel fundamental para socorrer as vítimas desta doença. Diversos clubes promoveram jogos de beneficência para conceder apoio económico aos infetados pela gripe.

Uma notícia do jornal *O Comércio do Porto* descreve a organização de um encontro de futebol entre os veteranos e os jogadores do Futebol Clube do Porto, em finais de Março de 1918, para apoio às vítimas de tifo:

É no próximo domingo que se realiza o sensacional match de foot-ball entre o primeiro team do Foot-Ball Club do Porto e o «Grupo de Veteranos» (...) é de crer que no próximo domingo haja, no magnífico campo da Constituição, a assistência dos grandes matchs, tanto mais que a festa tem um fim altamente caritativo, pois o seu produto reverte a favor da subscrição para os typhosos, aberta por este jornal<sup>43</sup>.

A importância dos jogos de futebol orientados para a solidariedade corrobora-se através da utilização de empresas de publicidade, de modo a incrementar a adesão da assistência ao fenómeno futebolístico: «Já hontem afixados os artísticos cartazes da Empreza Technica de Publicidade annunciando o sensacional desafio de «foot-

<sup>40</sup> *O Comércio do Porto*. Porto, n.º 93, 20 de Abril de 1917.

<sup>41</sup> *O Comércio do Porto*. Porto, n.º 66, 20 de Março de 1917.

<sup>42</sup> *O Comércio do Porto*. Porto, n.º 76, 31 de Março de 1917.

<sup>43</sup> *O Comércio Do Porto*. Porto, n.º 87, 14 de Abril de 1918.

-ball»<sup>44</sup>. Por conseguinte, a assistência aos jogos de beneficência teve a presença de membros ilustres da sociedade portuense», como descreveu *O Comércio do Porto*, o que revela a participação das elites políticas, económicas e sociais no papel prestigiado atribuído ao futebol como setor de apoio às necessidades da cidade. No perfil socioeconómico, a captação desses indivíduos reputados da sociedade, certamente, permitiu a angariação de receitas mais avultadas, assim como despertou o interesse da imprensa local.

No entanto, a assistência massificada nesses encontros de beneficência também contribuiu para o incremento dos dividendos, uma vez que em alguns jogos o público superou os cinco mil espectadores como descreve a notícia: «(...) e ainda hoje nos afirmaram que já se acha assegurada a passagem de 5000 bilhetes, o que corresponde que vai ser batido e por muito, o «record» de assistência aos desafios de foot-ball (...)»<sup>45</sup>. Uma outra notícia face a um encontro de solidariedade reportou que a estimativa de assistência rondava as 25.000 pessoas, o que equivalia aos valores registados em Espanha, onde o futebol estava mais desenvolvido (...) chegando um nosso collega, talvez demasiado mas louvavelmente optimista, a calcular em 25 000 o número de pessoas que irão ao campo da Constituição (...)»<sup>46</sup>.

## CONCLUSÃO

A Primeira Guerra Mundial foi um acontecimento que abalou as estruturas do mundo contemporâneo. Nas palavras de René Rémond, a Grande Guerra «transformou os países que nela participaram, bem como os outros. Alterou os regimes, desordenou as economias, transtornou as sociedades»<sup>47</sup>.

A Grande Guerra representou um período de dificuldades para o futebol, no contexto internacional, com o exacerbar dos conflitos entre os países e das consequências que afetaram a vida das populações. No Porto, o futebol desempenhou um papel relevante na sociedade através do seu carácter aglutinador, solidário e alienante. Assim, os jogos de beneficência, as homenagens aos mortos, as festas desportivas e a alienação da realidade provocada pelos encontros foram contra-ataques decisivos para a filiação desta modalidade na vida da cidade. No final da guerra, o futebol rumou à massificação.

<sup>44</sup> *O Comércio do Porto*. Porto, n.º 90, 18 de Abril de 1918.

<sup>45</sup> *O Comércio do Porto*. Porto, n.º 96, 26 de Abril de 1918.

<sup>46</sup> *O Comércio do Porto*. Porto, n.º 98, 26 de Abril de 1917.

<sup>47</sup> RÉMOND, René – *Introdução à História do Nosso Tempo. Do Antigo Regime aos Nossos Dias*. Lisboa: Gradiva, 2011, p. 282.

O pós-guerra significou um enorme avanço para o futebol, pois os clubes incrementaram o nível técnico, tático e físico da modalidade. Nos anos 20, o FC Porto conquistou a primeira edição do campeonato nacional (1922), os clubes forneceram jogadores para as primícias de uma seleção nacional, as formações do Porto venceram as suas congéneres lisboetas e conseguiram vitórias contra equipas estrangeiras.

Concluindo, a resiliência, tenacidade e perseverança do futebol durante o período do conflito bélico permitiram-lhe superar os obstáculos ao crescimento e emergir no pós-guerra dotado com as capacidades necessárias para a consolidação e massificação. Numa analogia com o léxico futebolístico, a Grande Guerra levou o futebol portuense para o intervalo, do qual ele surgiu mais dinâmico, resiliente e ofensivo na sua expansão vitoriosa perante sociedade.

## FONTES E BIBLIOGRAFIA

### Fontes

*O Comércio do Porto*. Porto, 1911-1918.

### BIBLIOGRAFIA

- COELHO, João Nuno; PINHEIRO, Francisco, coord. (2002) – *A Paixão do Povo. História do Futebol em Portugal*. Porto: Afrontamento.
- DUNNING, Eric; ELIAS, Norbert (1992) – *A Busca da Excitação*. Lisboa: Difusão Editorial.
- GILBERT, Martin (2007) – *A Primeira Guerra Mundial*. Lisboa: Esfera dos Livros.
- HOBSBAWM, Eric (2011) – *A Era dos Extremos*. Lisboa: Editorial Presença.
- RÉMOND, René (2011) – *Introdução à História do Nosso Tempo. Do Antigo Regime aos Nossos Dias*. Lisboa: Gradiva.
- SERRA, Pedro; SERRADO, Ricardo, coord. (2010) – *História do Futebol Português. Das origens ao 25 de Abril. Uma análise social e cultural*. Lisboa: Prime Books, Vol. I.